



O GLOBALISMO E A RELIGIÃO NO DISCURSO DO MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL EM 2019

Fábio Marques de Souza
fabiohispanista@gmail.com

Filipe Reis Melo
filipe.reis@servidor.uepb.edu.br

Silvia Garcia Nogueira
silvianogueira@servidor.uepb.edu.br

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise de pronunciamentos do Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Ernesto Araújo. Como *corpus*, selecionou-se o discurso da cerimônia de posse, em 2 de janeiro, e a palestra ministrada no seminário da FUNAG, em 10 de junho, ambos em Brasília, em 2019. A pesquisa utiliza a perspectiva do Círculo de Bakhtin para compreender a língua como prática social, considerando a forma dos enunciados e o contexto socioideológico em que foram produzidos, aborda as relações dialógicas, gêneros do discurso e formas da língua. Com base na análise realizada, é possível concluir que o discurso sobre o globalismo e a religião na política externa brasileira reflete as tensões e os desafios contemporâneos da ordem global e das relações internacionais. O termo globalismo é utilizado de maneiras diferentes por diferentes autores, mas todos concordam que a ordem global é um fator importante nos arranjos políticos e socioeconômicos. No entanto, há divergências quanto à ideia de uma agenda global baseada em valores como direitos humanos, tolerância e proteção ambiental, que alguns veem como uma forma de imposição de ideologias abstratas. Por sua vez, a religião é utilizada como um elemento de identidade e de legitimação da política externa brasileira. As falas de Araújo apontam para uma predileção por uma hipotética teocracia cristã no Brasil. No entanto, essa abordagem pode gerar tensões e conflitos com outros países e organizações internacionais que não compartilham dos mesmos valores e crenças. Diante dessas questões, é fundamental reconhecer a complexidade e a pluralidade de perspectivas, em vez de descartá-las como meras ideologias abstratas ou como elementos secundários da política externa. É preciso buscar um equilíbrio entre a defesa dos interesses nacionais e a promoção de valores universais, bem como entre a afirmação da identidade cultural e a abertura ao diálogo e à cooperação internacional.

Palavras-chave Globalismo; Religião; Análise do Discurso; Política Externa; Círculo de Bakhtin.

ABSTRACT

This article presents an analysis of statements by the Brazilian Minister of Foreign Affairs, Ernesto Araújo. As a corpus, the inaugural speech on January 2nd and the lecture given at the FUNAG seminar on June 10th, both in Brasília in 2019, were selected. The research employs the perspective of Bakhtin's Circle to understand language as a social practice, considering the form of the utterances and the socio-ideological context in which they were produced. It addresses dialogic relations, discourse genres, and language forms. Based on the conducted analysis, it is possible to conclude that the discourse on globalism and religion in Brazilian foreign policy reflects the contemporary tensions and challenges of the global order and international relations. The term "globalism" is used in different ways by different authors, but all agree that the global order is an important factor in political and socioeconomic arrangements. However, there are disagreements regarding the idea of a global agenda based on values such as human rights, tolerance, and environmental protection, which some view as a form of imposing



abstract ideologies. In turn, religion is used as an element of identity and legitimation in Brazilian foreign policy. Araújo's statements suggest a preference for a hypothetical Christian theocracy in Brazil. Nevertheless, this approach can generate tensions and conflicts with other countries and international organizations that do not share the same values and beliefs. Faced with these issues, it is essential to recognize the complexity and plurality of perspectives, rather than dismissing them as mere abstract ideologies or secondary elements of foreign policy. A balance must be sought between defending national interests and promoting universal values, as well as between asserting cultural identity and being open to dialogue and international cooperation.

Keywords Globalism; Religion; Discourse Analysis; Foreign Policy; Bakhtin's Circle.

1 PALAVRAS INICIAIS

Este artigo se filia ao Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2010, 2011, 2013, 2016; BRAIT, 2006a, 2006b; VOLÓCHINOV, 2017) e compartilha da visão de língua como prática social. Dentro desta perspectiva, pensar o uso da língua, enquanto fenômeno de linguagem, sob a luz de prática, incide em compreendê-la em função de atividades que organizam a vida em sociedade. Neste ensejo, assim como Bakhtin (2011), considera-se a vida como sendo dialógica por natureza e, portanto, “viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar. Nesse diálogo, o homem participa inteiro e com toda a vida (...). Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal” (p. 348).

O recorte de pesquisa apresentado neste texto teve como objetivo analisar o uso do termo "globalismo" e a presença da religião em dois pronunciamentos oficiais de Ernesto Araújo¹ (2019-2021), principal agente da política externa brasileira ao longo de 2019: i) o discurso na cerimônia de posse como Ministro das Relações Exteriores, em Brasília, em 2 de janeiro de 2019 (ARAÚJO, 2019a); ii) a palestra ministrada no seminário da FUNAG sobre globalismo, em Brasília, em 10 de junho de 2019 (ARAÚJO, 2019b).

¹ Ernesto Henrique Fraga Araújo, diplomata brasileiro que serviu como Ministro das Relações Exteriores (2019-2021) é graduado em Letras pela UnB, com formação em Diplomacia pelo IRB. Iniciou sua carreira diplomática em 1991, servindo em diversas embaixadas brasileiras em todo o mundo. Como ministro, defendeu uma PEB pró-Estados Unidos e pró-Israel e recebeu críticas por sua postura contra a China e a política ambiental. Ernesto Araújo é autor de vários artigos e ensaios sobre política externa e é considerado um dos principais defensores do nacionalismo conservador no Brasil. “Araújo ficou à frente da pasta por dois anos e quatro meses e só perdeu o emprego porque Bolsonaro foi pressionado pelo Centrão no Congresso, preocupado com a repercussão da retórica do ex-chanceler sobre a pauta de exportações do agronegócio. Em uma escolha pragmática, o presidente nomeou como substituto Carlos França, que chegou ao comando da diplomacia brasileira sem jamais ter liderado uma embaixada” (CAMAROTTO, 2012, s.p.).



A partir da Análise Dialógica do Discurso (ADD), buscou-se compreender como esses temas são abordados e qual é o impacto dessas abordagens na construção da identidade e dos interesses do Brasil no cenário internacional. A pergunta de pesquisa que orienta este estudo é: de que forma o discurso sobre o globalismo e a religião na política externa brasileira reflete as tensões e os desafios contemporâneos da ordem global e das relações internacionais? Para responder a essa pergunta, foram examinados os diferentes significados atribuídos ao termo "globalismo" por autores como Szwako e Milani (2022), bem como as críticas e as defesas da ideia de uma agenda global baseada em valores como direitos humanos, tolerância e proteção ambiental. Serão analisados os discursos do então ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, a fim de compreender como a religião é utilizada como um elemento de identidade e de legitimação da política externa brasileira.

Em termos teórico-metodológicos, levamos em conta a forma dos enunciados, mas também o contexto socioideológico em que foram produzidos: as orientações analíticas consideraram, de forma integrada e simultânea, a descrição, a análise e a interpretação. Esses direcionamentos foram atravessados por três focos de estudos do campo da Análise Dialógica do Discurso, que se relacionaram com as relações dialógicas, gêneros do discurso e formas da língua (DESTRI, MARCHEZAN, 2021). Ao final, espera-se contribuir para o debate sobre as relações entre religião, globalismo e política externa, bem como para a compreensão dos desafios e das perspectivas da ordem global contemporânea.

2 O GLOBALISMO COMO UM INIMIGO A SER COMBATIDO

Szwako e Milani (2022) apresentam que o termo "globalismo" possui, ao menos, três significados diferentes, mas todos estão relacionados ao fato de que a ordem global é um fator importante nos arranjos políticos e socioeconômicos entre indivíduos, países e regiões do mundo. Mesmo que haja diferentes interpretações, todas reconhecem a importância da ordem global. Os autores argumentam que a nomenclatura “ganhou destaque no Brasil nos últimos anos, devendo seu uso ser entendido dentro de um conflito ideológico no interior do qual grupos e intelectuais de extrema direita acusam algo ou alguém de ser ‘globalista’ ou de representarem supostos ‘interesses globalistas’” (p. 153-154). O tema foi recorrente no discurso de posse do então ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo como será analisado nos excertos 47 a 52, a seguir.



No discurso de posse, Araújo se posiciona contra o globalismo e enfatiza a importância da pátria e da identidade nacional. Ele expressa preocupação com a suposta perda de soberania e autonomia do Brasil em relação à ordem global. Essa visão é evidente nos excertos 47 e 48, nos quais ele critica a submissão passada do Brasil aos interesses da ordem global, buscando agora expressar o que o país realmente sente e defender seus próprios valores.

[Excerto 47]

Lembrar-se da pátria. Não é lembrar-se da ordem liberal internacional, não é lembrar-se da ordem global, não é lembrar-se do que diz o último artigo da Foreign Affairs ou a última matéria do New York Times. É lembrar-se da pátria como uma realidade essencial. Não estamos aqui para trabalhar pela ordem global. Aqui é o Brasil. Não tenham medo de ser Brasil. Não tenham medo (ARAÚJO, 2019a, s.p.).

[Excerto 48]

Por muito tempo o Brasil dizia o que achava que devia dizer. Era um país que falava para agradar os administradores da ordem global. Queríamos ser um bom aluno na escola do globalismo, e achávamos que isso era tudo. Éramos um país inferior, aplicando a classificação de Fernando Pessoa. Mas o Brasil volta a dizer o que sente, e a sentir o que é (ARAÚJO, 2019a, s.p.).

No excerto 48, o discurso de Araújo estabelece um diálogo com Fernando Pessoa, quando menciona a "classificação de Fernando Pessoa" para descrever o Brasil como um país inferior. Esse diálogo pode ser compreendido em relação ao poema "Mar Português", onde Fernando Pessoa expressa a grandeza e a importância histórica de Portugal como nação marítima. O trecho do discurso sugere que, assim como Pessoa classificou Portugal como uma nação superior em relação ao mar, Araújo está aplicando essa classificação a favor do Brasil, mas com uma conotação negativa. Enquanto Pessoa enaltece a grandeza de Portugal, Araújo o utiliza para criticar a posição anterior do Brasil de seguir a ordem global e buscar agradar a seus administradores. Ele argumenta que o Brasil estava se submetendo a uma hierarquia global que o colocava numa posição inferior.

A referência a Pessoa nesse contexto dialoga com o discurso nacionalista de Araújo, destacando a mudança de atitude e postura do Brasil em relação à ordem global. Ao mencionar a "classificação de Fernando Pessoa", Araújo está sugerindo que o Brasil está abandonando essa posição de inferioridade, buscando agora se expressar de forma autêntica e defender seus



próprios interesses. No entanto, é importante notar que a interpretação do diálogo entre o discurso de Araújo e a "classificação de Fernando Pessoa" pode variar dependendo das perspectivas e do conhecimento do público. Essa referência indica uma apropriação seletiva e uma interpretação distorcida da obra de Pessoa para justificar um posicionamento nacionalista e antiglobalista.

A perspectiva dialógica de Bakhtin destaca que o significado dos discursos não é fixo, mas sim construído por meio de interações e confrontos entre diferentes vozes (SOUZA; MELO, NOGUEIRA; 2023). No caso do discurso de Araújo, ele se posiciona contra o que ele considera ser as ramificações ideológicas do globalismo, retratando-o como uma força negativa que vai contra a nação, a natureza humana e a vida. No excerto 49, ele apresenta uma visão de globalismo que está ligada a questões de identidade de gênero, fronteiras nacionais e direitos humanos, retratando essas questões como uma ameaça à nação e à dignidade humana.

[Excerto 49]

O globalismo se constitui no ódio, através das suas várias ramificações ideológicas e seus instrumentos contrários à nação, contrários à natureza humana, e contrários ao próprio nascimento humano. Nação, natureza e nascimento, todos provêm da mesma raiz etimológica e isso se dá porque possuem entre si uma conexão profunda. Aqueles que dizem que não existem homens e mulheres são os mesmos que pregam que os países não têm direito a guardar suas fronteiras, são os mesmos que propalam que um feto humano é um amontoado de células descartável, são os mesmos que dizem que a espécie humana é uma doença e que deveria desaparecer para salvar o planeta. Por isso a luta pela nação é a mesma luta pela família e a mesma luta pela vida, a mesma luta pela humanidade em sua dignidade infinita de criatura (ARAÚJO, 2019a, s.p.).

É importante notar que o discurso de Araújo apresenta uma visão polarizada e simplificada do globalismo, colocando-o como um inimigo a ser combatido. Essa abordagem não leva em consideração a diversidade de perspectivas e posições dentro do debate sobre o globalismo. A perspectiva dialógica ressalta a importância de reconhecer e dialogar com vozes diferentes, buscando uma compreensão mais ampla e complexa dos fenômenos sociais.



As raízes intelectuais e ideológicas desta concepção de globalismo são várias. De um lado, ela segue tendências internacionais inspiradas em ideólogos de extrema direita como Aleksandr Dugin e Steve Bannon, respectivamente, na Rússia e nos Estados Unidos. De outro lado, essa concepção se enraíza intelectualmente na obra de Olavo de Carvalho. Em seu livro *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*, esse autor insiste que se trata de uma “revolução globalista” em curso, uma “mutação radical não só das estruturas de poder, mas da sociedade, da educação, da moral e até das reações mais íntimas da alma humana”. Nesse “projeto civilizacional”, haveria, de um lado, elites econômicas encarnadas em “banqueiros” e “bilionários”, eles próprios pretensamente alinhados a China e Rússia. Esses seriam o que o autor chama de “metacapitalistas”, ou seja, os capitalistas que se valem das alianças com Estados para se afastar das oscilações do mercado. E, de outro lado, haveria as agências do sistema das Nações Unidas, renitentemente acusadas de exercer uma “administração planetária”. Segundo o *best-seller*, desde a ONU “jorram sobre toda a população terráquea legislações uniformes em matéria de indústria, comércio, ecologia, saúde, educação, quotas raciais, desarmamento civil”. Assim, o “globalismo” é a forma pela qual Olavo de Carvalho e seus discípulos interpretam os rumos assumidos pela complexificação das relações internacionais e da globalização, cujo objetivos, em chave reacionária, seriam minar a assim chamada “civilização judaico-cristã” (SZWAKO; MILANI, 2022 p. 154 – destaques e aspas dos autores).

Essa citação explora as origens intelectuais e ideológicas da concepção do globalismo. Szwako e Milani (2022) destacam duas influências principais: tendências internacionais inspiradas em ideólogos de extrema direita, como Aleksandr Dugin e Steve Bannon, e a obra de Olavo de Carvalho. O autor brasileiro descreve o globalismo como uma "revolução globalista" em andamento que busca uma transformação radical nas estruturas de poder, na sociedade, na educação, na moral e até mesmo nas emoções mais íntimas das pessoas.

Olavo de Carvalho, inspiração declarada no discurso de posse de Ernesto Araújo, e seus seguidores interpretam o termo "globalismo" como a expressão dos rumos das relações internacionais complexas e da globalização. Em uma perspectiva reacionária, eles argumentam que esses rumos têm como objetivo minar a chamada "civilização judaico-cristã": compreendem o globalismo destacando as influências de ideólogos de extrema direita e



ênfatizando sua visão reacionária de uma ameaça à civilização judaico-cristã por meio de uma revolução globalista em curso.

A análise dialógica do discurso de Araújo também pode questionar a base factual das afirmações feitas. Por exemplo, no excerto 50, o ministro afirma que a marcha do globalismo não é irreversível e que eles lutarão para revertê-la.

[Excerto 50]

Quando eu era criança, ouvia, e adolescente também, ouvia muita gente dizendo: “O mundo caminha inexoravelmente para o socialismo”. Mas não caminhou. Não caminhou porque alguém foi lá e não deixou. Hoje escutamos que a marcha do globalismo é irreversível. Mas não é irreversível. Nós vamos lutar para reverter o globalismo e empurrá-lo de volta ao seu ponto de partida (ARAÚJO, 2019a, s.p.).

Essa declaração reflete uma visão política e ideológica, mas não é fundamentada em evidências concretas sobre a natureza e o alcance do globalismo. Essa teoria conspiratória intelectual adquire significado dentro do conjunto de categorias ofensivas e acusações criadas por Olavo de Carvalho e disseminadas pela extrema direita que se inspira nele. De acordo com essa perspectiva, o termo "globalismo" seria a expressão de um projeto de poder gramsciano, no qual as forças de esquerda teriam conquistado não apenas o poder político, mas também o domínio sobre a cultura, as ideias e a educação ao longo da segunda metade do século XX:

Nesse sentido, o “globalismo” e seus supostos atores — Nações Unidas, “metacapitalistas”, bem como partidos e políticos de esquerda — seriam defensores de bandeiras como o chamado “gayzismo” e o “abortismo”, visando, a suposta “implantação do socialismo” (SZWAKO; MILANI, 2022 p. 154 – destaques e aspas dos autores).

De maneira oposta às tradições diplomáticas brasileiras, Ernesto Araújo declarou em seu discurso de posse que não estava no Ministério das Relações Exteriores para buscar aprovação da ordem global, mostrando – no excerto 50 – forte oposição à marcha do globalismo que ele acredita não ser inevitável. Além disso, ecoando as acusações difamatórias inspiradas em seu guru, Olavo de Carvalho, ele se posicionou - no excerto 49 - contra aqueles que afirmam



que não há diferença entre homens e mulheres. Szwako e Milani (2022) destacam que, ao priorizar questões ideológicas e morais, o ministro das Relações Exteriores adotou uma abordagem discrepante em relação à tradição diplomática, resultando em uma forma de inserção internacional para o Brasil que é subordinada e dependente dos Estados Unidos durante o governo Trump, sob o pretexto de ser patriota.

A retórica conspiracionista empregada nesse uso do termo “globalismo” encerra perigos nada desprezíveis à sociabilidade e à diversidade democráticas e, mais ainda, para a gestão dos riscos no Antropoceno. O desafio de compreender e refrear as estratégias reacionárias atravessa múltiplas escalas e atores, de maneira a extrapolar a arena das organizações e regulações transnacionais. Para o Brasil, o perigo vive na crescente difusão desse ideário e na sua eventual apropriação por partes de nossos quadros diplomáticos e mesmo militares (SZWAKO; MILANI, 2022 p. 154 – destaques e aspas dos autores).

A citação alerta para os perigos resultantes do uso de teorias conspiratórias em torno do globalismo, destacando a necessidade de compreender e combater estratégias reacionárias que possam comprometer a sociabilidade democrática e a capacidade de lidar com os desafios do Antropoceno². Além disso, ressalta a importância de evitar a propagação dessas ideias entre os setores diplomáticos e militares do Brasil.

No excerto 51, Araújo aborda a relação entre o globalismo e a capacidade de ter ideias e valores enquanto se envolve em negócios e em atividades comerciais. O ministro argumenta que o globalismo tenta silenciar aqueles que se opõem a ele, disseminando a ideia de que ter ideias e defender valores é incompatível com o comércio e com os negócios. O enunciador rejeita essa premissa, afirmando que o Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores) terá um papel mais proeminente e comprometido na promoção do agronegócio, do comércio, dos investimentos e da tecnologia. Ele sugere que é possível conciliar interesses econômicos e ideias, enfatizando que o Brasil continuará a buscar acordos comerciais e parcerias internacionais enquanto mantém suas próprias ideias e valores, o que reflete uma postura de rejeição ao argumento de que os aspectos comerciais e econômicos devem prevalecer sobre as convicções e princípios. O ministro reafirma a intenção de promover os interesses do país nos

² O Antropoceno (do grego *anthropos*: ser humano; *ceno*: novo) é uma nova era geológica em que as atividades humanas são a principal força de transformação do planeta. Essas atividades, como industrialização, desmatamento e poluição, estão alterando os processos naturais da Terra, afetando o equilíbrio ecológico e a biodiversidade. O conceito destaca a responsabilidade humana na preservação do meio ambiente e a necessidade de adotar práticas sustentáveis para mitigar os impactos negativos (ESTEVES, 2020).



setores mencionados, ao mesmo tempo em que defende a importância de manter a capacidade de ter ideias e valores no contexto global.

[Excerto 51]

Um dos instrumentos do globalismo, para abafar aqueles que se insurgem contra ele, é espalhar que, para fazer comércio e negócios, não se pode ter ideias nem defender valores. Nós provaremos que isso é completamente falso. O Itamaraty terá, a partir de agora, o perfil mais elevado e mais engajado que jamais teve na promoção do agronegócio, do comércio, dos investimentos e da tecnologia (ARAÚJO, 2019a, s.p.).

A crítica ao globalismo e suas supostas consequências negativas é reafirmada no excerto 52. Nele, o ministro expressa preocupação com a ideia de que o globalismo pode levar à perda de identidade e de valores nacionais em nome da competitividade econômica. A afirmação de que o globalismo “mata a alma” pode ser interpretada como uma crítica à globalização e a suas influências culturais, sugerindo que a busca pelo progresso econômico pode resultar na supressão dos valores e tradições locais. O ministro argumenta que é possível alcançar eficiência econômica sem comprometer o amor pela pátria. Além disso, o excerto destaca uma visão contrária à noção de que a paz implica em não lutar. Essa afirmação pode estar relacionada à ideia de que a defesa dos interesses nacionais e a proteção da soberania podem exigir ações assertivas e até mesmo confrontos, se necessário.

[Excerto 52]

Não deixem o globalismo matar a sua alma em nome da competitividade. Não acreditem no que o globalismo diz quando diz que para ter eficiência econômica é preciso sufocar o coração da pátria e não amar a pátria. Não escutem o globalismo quando ele diz que paz significa não lutar (ARAÚJO, 2019a, s.p.).

Em termos gerais, o discurso reflete a postura crítica do ministro em relação ao globalismo, colocando ênfase na importância de preservar a identidade nacional e a pátria, ao mesmo tempo em que desafia algumas das supostas premissas do globalismo, como a ideia de que a eficiência econômica requer a diminuição do amor pela pátria ou a visão de paz como ausência de conflito.



3 COMBATER A RELIGIÃO ATEIA DO POLITICAMENTE CORRETO: O MESSIAS EM DAVOS!

Em palestra proferida no Seminário da Fundação Alexandre de Gusmão sobre Globalismo, em Brasília, em 10 de junho de 2019, Araújo, a partir de uma leitura de Nietzsche, expande a luta contra o mal do globalismo, aproxima o marxismo-leninismo do nazifascismo e argumenta que “ambos movimentos partem da rejeição de Deus”:

[Excerto 53]

Mas, essa ideia de que Deus está morto tornou-se o postulado central de todo o pensamento subsequente e, de certa forma, de toda a história posterior. Sem essa ruptura radical, a meu ver, não se pode explicar nem o marxismo-leninismo, e nem o nazifascismo. Ambos movimentos partem da rejeição de Deus, da rejeição da chamada moral burguesa, essa ordem moral centrada em Deus, que Nietzsche havia destruído de certa maneira, ou cuja necessária destruição, para uma necessária renovação, ele havia anunciado (ARAÚJO, 2019b, s.p.).

O enunciado do excerto 53, pronunciado pelo Ministro durante sua palestra no Seminário da Fundação Alexandre de Gusmão sobre Globalismo, aborda a ideia de que a morte de Deus se tornou um pressuposto fundamental, influenciando tanto o marxismo-leninismo quanto o nazifascismo. O Ministro destaca que ambos os movimentos surgiram da rejeição de Deus e da chamada moral burguesa, que estaria centrada em Deus. Ele faz referência a Friedrich Nietzsche, afirmando que o filósofo alemão de certa forma destruiu essa ordem moral e anunciou a necessidade de sua renovação.

Essa declaração revela a visão do Ministro em relação à influência da secularização e da rejeição da religião na formação de ideologias políticas do século XX. Ele argumenta que a rejeição de Deus e da moral burguesa teria sido um fator-chave na ascensão do marxismo-leninismo e do nazifascismo, sugerindo que a ausência de uma base moral centrada em Deus teria contribuído para o surgimento dessas ideologias.

No entanto, é importante destacar que a interpretação das origens do marxismo-leninismo e do nazifascismo não é consensual entre os estudiosos, e há diversas abordagens e teorias que buscam explicar esses movimentos políticos e ideológicos. A afirmação do Ministro reflete sua própria perspectiva e interpretação dos eventos históricos e ideológicos



mencionados. E o enunciador continua alegando a certeza de que “o comunismo e o nazifascismo dependem da morte de Deus”, dependem do fim:

[Excerto 54]

do que eu chamaria de antropoteísmo, que é a concepção do homem como um ser vertical, que se relaciona com Deus e que é filho de Deus. Ambos instauram um antropocentrismo radical, talvez considerando que com isso estão, de alguma maneira, libertando o homem. Ambos querem rumar para alguma espécie de *Übermensch*, o homem socialista, na concepção soviética, ou a própria palavra usada pelos nazistas. Há um parentesco grande aqui. E, no entanto, na verdade, nessa falsa libertação estão escravizando o ser humano.

(...)

Eu acho justamente que ela representa o reconhecimento dessa falsa liberdade trazida pela ausência de uma ordem divina, de uma ordem moral. Essa ideia já é vista, um pouco depois, com o moralismo que está dentro do globalismo atual (ARAÚJO, 2019b, s.p.).

No excerto 54 de sua palestra, Araújo, discute o que ele chama de “antropoteísmo”, concepção em que o homem é visto como um ser vertical, relacionando-se com Deus e sendo considerado filho de Deus. Ele argumenta que tanto o comunismo quanto o nazifascismo estabelecem um antropocentrismo radical, acreditando que dessa forma estão libertando o ser humano. No entanto, o Ministro afirma que, na verdade, essas ideologias escravizam o ser humano sob a falsa noção de liberdade.

Ele faz uma associação entre o comunismo e o nazifascismo, mencionando o conceito de “*Übermensch*” (super-homem). O Ministro sugere que há semelhanças entre esses dois movimentos, apesar de suas diferenças superficiais, e argumenta que ambos exploram a ausência de uma ordem divina e moral para impor uma falsa liberdade que, na verdade, aprisiona as pessoas.

Ao mencionar o “moralismo” presente no globalismo atual, o Ministro parece expressar a opinião de que a ideologia globalista também representa essa falsa liberdade decorrente da ausência de uma ordem moral divina, ele sugere uma visão crítica em relação a essa ideologia e sua suposta falta de base moral. Assim, depreende-se de seu discurso que Araújo almejaria um Estado teocrático cristão. E assim o enunciador segue a propagação de um Estado “terrivelmente cristão”, já discutido em outras partes desta obra:



[Excerto 55]

É curioso porque aqui no Brasil, para nós, o termo fisiologia adquiriu na política um outro sentido bastante próprio, que nós todos conhecemos. Então, quando Nietzsche diz: “Ah! Vamos fazer da fisiologia a rainha de tudo”, o sistema político brasileiro fala: “Deixa comigo!” Bom, então, o que há, ao longo do século XX, é esse terrível mergulho da humanidade nessa noite do fisiologismo, nessa noite sem Deus. E a questão é saber se um dia conseguiremos emergir desse mergulho.

(...)

E quem que lutou contra essas ideologias? Basicamente, as democracias liberais, onde, ao longo do século XX, ainda subsistia algo da ordem antiga, algo da presença de Deus, mesmo que elas talvez não soubessem. Acho que nas democracias liberais, Deus nunca morreu, nunca inteiramente, justamente porque nessas democracias, havia/há liberdade. E contrariamente ao que se fala, onde há liberdade acaba sempre havendo lugar para Deus (ARAÚJO, 2019b, s.p.).

No excerto 55 de sua palestra, o Ministro aborda a democracia liberal como espaço propício para a propagação de Deus como uma resposta ao globalismo que ele considera negar a existência de Deus. O Ministro faz uma referência irônica ao termo “fisiologia”, que no contexto político brasileiro tem um sentido próprio relacionado a práticas corruptas e de favorecimento pessoal. Ele menciona a frase de Nietzsche que propõe fazer da fisiologia a rainha de tudo, e associa isso ao que ele chama de mergulho da humanidade na noite do fisiologismo, uma noite sem Deus.

O Ministro argumenta que as chamadas democracias liberais foram as principais lutadoras contra essas ideologias (comunismo e nazifascismo), e que essas democracias mantiveram algo da ordem antiga e da presença de Deus, mesmo que talvez não estivessem cientes disso. Ele sugere que nas democracias liberais, onde há liberdade, Deus nunca morreu completamente, pois a liberdade proporciona um espaço para a existência de Deus.

Essa visão do Ministro reflete sua perspectiva sobre o papel da religião e da crença em Deus como fundamentais para a resistência às ideologias que negam a existência divina. Ele defende a ideia de que a presença de Deus nas democracias liberais contribui para a manutenção



da liberdade e como uma resposta ao que ele percebe como um globalismo que nega essa existência.

O enunciador argumenta, ao longo da sua fala, que com o final da Guerra Fria e com a vitória do capitalismo sobre o socialismo, o sistema liberal afrouxou-se na promoção de Deus: “resolveram expulsar Deus do coração da sociedade liberal e deixaram Deus do lado de fora, ali no frio”:

[Excerto 56]

Não se deram conta, mas há muito o comunismo vinha-se preparando para ocupar a sociedade liberal por dentro, com a teoria de Gramsci, com a Escola de Frankfurt, com a Revolução Cultural dos anos 60. E, com essa abertura no coração da sociedade liberal, que expulsa Deus, o caminho ficou livre para que o marxismo cultural, o gramscismo, como quer que se chame, ocupasse o coração da sociedade liberal, que tinha sido deixado vazio. Isso é o globalismo, o momento em que o comunismo, o fisiologismo, o gramscismo, como quer que se chame, ocupa o coração que tinha sido deixado vazio da sociedade liberal (ARAÚJO, 2019b, s.p.).

A fala de Ernesto Araújo levanta a questão da suposta infiltração do comunismo e do marxismo cultural na sociedade liberal. O ministro argumenta que o comunismo teria se preparado para ocupar a sociedade liberal por dentro, utilizando teorias como a de Antonio Gramsci (2022), a Escola de Frankfurt e a Revolução Cultural dos anos 1960. A noção de uma invasão comunista silenciosa na sociedade liberal é uma visão simplista, controversa e contestável. As teorias de Gramsci e da Escola de Frankfurt, por exemplo, são frequentemente interpretadas de maneiras diversas e suas influências no desenvolvimento social e político são objeto de debate acadêmico. A associação direta entre comunismo, fisiologismo e gramscismo com o conceito de globalismo é uma generalização simplista. O termo “globalismo” pode ser interpretado de diferentes maneiras e se refere a fenômenos complexos relacionados à globalização, à cooperação internacional e à governança global. Sua vinculação direta com o comunismo e com o gramscismo não é sustentada por uma análise rigorosa.

Outro ponto crítico é a afirmação de que a sociedade liberal teria expulsado Deus, deixando um vazio que teria sido ocupado por essas ideologias. Essa perspectiva pressupõe que a sociedade liberal é necessariamente secular e que a presença de Deus é uma condição essencial



para a sua existência. No entanto, a realidade é muito mais complexa, com sociedades liberais abrangendo uma ampla gama de crenças religiosas e visões de mundo. A fala de Ernesto Araújo apresenta uma visão polêmica e contestável sobre a infiltração comunista e marxista na sociedade liberal. É importante analisar essas afirmações à luz de evidências concretas e considerar diferentes perspectivas acadêmicas. A compreensão do fenômeno do globalismo, por exemplo, requer uma abordagem mais complexa e uma análise mais aprofundada, longe de generalizações simplistas e associações diretas com ideologias específicas.

Na sequência, Araújo lança mão de Marcel Gauchet, historiador e filósofo francês, para falar do desencantamento do mundo que, na visão do ministro, nada mais é do que justamente a falta de Deus:

[Excerto 57]

Gauchet criou o termo de desencantamento do mundo, *le désenchantement du monde*, para falar de todo esse percurso da sociedade democrática, que aos poucos, a partir do século XVIII, vai livrando-se, desfazendo-se da ideia de Deus. O que era esse encantamento do mundo? Era justamente a presença de Deus. (...) Para mencionar alguns dos instrumentos que identificamos: o desconstrucionismo linguístico, talvez seja o principal, que é a separação entre a palavra e a realidade, que também pode ser chamado de nominalismo, embora não seja exatamente o conceito da filosofia medieval de nominalismo, mas, enfim, a elevação de determinados conceitos, de determinadas palavras a um caráter absoluto onde já não se dialoga com a realidade. A ideologia de gênero; o que eu chamo de racismo, que é a concepção da sociedade dividida em raças, a volta – algo tão lamentável – do conceito de raça como algo que seja substrato da formação da sociedade. E o ecologismo, por diferença da ecologia; quer dizer, o ecologismo é, digamos, a ecologia transformada em ideologia, ou seja, mais um desses exemplos onde determinada área de atividade, de pensamento, deixa de ter contato com a realidade e torna-se algo que extrapola, algo abstrato que não é mais objeto de debate, que tem que ser implementado sem debate. Então, é fundamental fazer essa distinção entre ecologia, ou a dimensão ambiental, no seu caráter legítimo, e o ecologismo, o ambientalismo como uma ideologia. **E todos esses instrumentos pressupõem a ausência de Deus**, pressupõem a horizontalidade do ser humano. E, ao mesmo tempo – algo que previa Nietzsche – **eles criam um novo moralismo, criam uma nova moral, um**



moralismo férreo, um mecanismo de opressão psicológica (ARAÚJO, 2019b, s.p. – destaques nossos).

No excerto 57, Araújo menciona instrumentos que, segundo ele, se afastam do diálogo com a realidade e se tornam ideologias abstratas: o desconstrucionismo linguístico, a ideologia de gênero, o racialismo e o ecologismo. Ele argumenta que essas ideologias atribuem caráter absoluto a certos conceitos e palavras, deixando de dialogar com a realidade e não sendo mais objetos de debate, mas sim implementados sem questionamentos. Uma análise crítica pode questionar a validade dessas afirmações, levantando o fato de que as ideologias mencionadas possuem fundamentos teóricos e são objeto de discussões e debates acadêmicos e sociais. Por exemplo, o desconstrucionismo linguístico, como abordado por Araújo, pode ser visto como uma simplificação desse campo de estudos, que busca analisar as relações entre linguagem, poder e significado.

Da mesma forma, a concepção de ideologia de gênero e racialismo pode ser interpretada como uma tentativa de deslegitimar a discussão sobre questões de gênero e raça, reduzindo-as a meras ideologias abstratas. No entanto, essas discussões são fundamentais para compreender as desigualdades e injustiças sociais relacionadas à identidade de gênero e raça. Quanto ao ecologismo, Araújo distingue-o da ecologia, enfatizando que o ecologismo se transformou em uma ideologia que deve ser implementada sem debate. Essa afirmação pode ser contestada, já que a preocupação com o meio ambiente e a sustentabilidade são temas cruciais nas discussões contemporâneas e envolvem uma ampla gama de perspectivas e abordagens, incluindo debates científicos, políticos e sociais.

Uma análise da citação de Ernesto Araújo pode levantar questionamentos sobre a simplificação e deslegitimação das ideologias mencionadas, argumentando que elas possuem fundamentos teóricos e são objetos de discussão e debate acadêmico e social. Além disso, pode-se ressaltar a importância de reconhecer a complexidade e a pluralidade de perspectivas nessas áreas temáticas, em vez de descartá-las como meras ideologias abstratas.

Na sequência, no excerto 58, o ministro expressa uma visão crítica em relação a supostas restrições e opressões na sociedade contemporânea, bem como à transformação de valores legítimos em ideologias. No entanto, é fundamental analisar e questionar as premissas subjacentes a essas afirmações, levando em consideração a diversidade de perspectivas e a importância de princípios como respeito, consentimento, direitos humanos e proteção ambiental:



[Excerto 58]

Nós temos cada vez mais um caráter opressivo, coisas que você não pode falar, coisas que você não pode fazer, um moralismo inclusive no campo sexual, que hoje um homem olhar para uma mulher já é tentativa de estupro. (...) O globalismo tenta formular, de maneira canhestra, uma espécie de nova religião, com esses pseudovalores, esses conceitos legítimos, mas que são extrapolados e transformados em ideologia – como os direitos humanos, como a tolerância, como a proteção ambiental, por exemplo (...) E o globalismo começa a inventar falsos inimigos para defender algo, para ter a sensação de defender algo e dotar-se de algum tipo de sentido de propósito, de unidade e de verdade. Mas existe um problema nessa criação de uma pseudoreligião globalista (ARAÚJO, 2019b, s.p.).

O excerto 58 aborda a percepção do caráter opressivo e restritivo que, segundo Araújo, está cada vez mais presente na sociedade. Ele menciona que existem restrições em relação ao que pode ser dito e feito, criticando a existência de um moralismo excessivo, especialmente no campo sexual, como se fosse normal um chefe da pasta de relações exteriores argumentar, num evento, “que hoje um homem olhar para uma mulher já é tentativa de estupro”. É válido questionar essa afirmação de que a observância de determinados limites morais no campo sexual, como o respeito mútuo e a busca pelo consentimento, seja equivalente a uma tentativa de estupro. Essa afirmação parece minimizar a importância da cultura do consentimento e da proteção contra a violência sexual.

O enunciador também critica o que ele chama de "globalismo" e sua tentativa de formular uma nova religião. Argumenta que valores legítimos, como direitos humanos, tolerância e proteção ambiental, são extrapolados e transformados em ideologias. Nesse sentido, o autor parece sugerir que esses conceitos, embora tenham uma base legítima, são distorcidos e usados para promover uma agenda globalista que ele vê como problemática. A citação menciona os direitos humanos, a tolerância e a proteção ambiental como exemplos de conceitos que teriam sido extrapolados e transformados em ideologia. No entanto, é fundamental reconhecer a importância desses princípios na busca por uma sociedade mais justa, igualitária e sustentável.

Pouco antes de terminar a palestra, o ministro faz uma recapitulação: Então, qual é a ideia central que eu tentei formular aqui? Partimos do conceito de que Deus está morto; a partir



disso, surge o fisiologismo como uma estrutura filosófica de organização de uma sociedade sem Deus. Duas ideologias baseadas nisso surgem e lutam entre si, uma delas sobrevive. O liberalismo, que enfrenta essas ideologias, preserva um núcleo de fé e antropoteísmo, ou seja, a concepção do homem como um ser relacionado a Deus. Inicialmente, o liberalismo triunfa sobre o fisiologismo, mas acredita que foi um triunfo meramente econômico e retira Deus do centro. A partir daí, surge o globalismo, que é essencialmente o niilismo. O globalismo é a consolidação daquele niilismo previsto por Nietzsche, ou seja, é a sociedade liberal ateuista submetida aos mecanismos de controle daquele núcleo gramscista, comunista ou fisiologista, independentemente de como o chamemos.

Essa fala do Ministro Ernesto Araújo apresenta sua visão sobre a relação entre Deus, ideologias e o globalismo. Ele argumenta que o conceito de "Deus está morto" de Nietzsche leva ao surgimento do fisiologismo como uma estrutura organizacional em uma sociedade sem Deus. Duas ideologias surgem dessa estrutura, e o liberalismo, com seu núcleo de fé e antropoteísmo, confronta essas ideologias. No entanto, o liberalismo acaba dispensando Deus do centro e, posteriormente, o globalismo surge como uma forma de niilismo. O Ministro acredita que o globalismo é a sociedade liberal ateuista submetida aos mecanismos de controle de ideologias como o gramscismo, comunismo ou fisiologismo.

Contra todo esse mal que assola a humanidade, nosso enunciador anuncia a solução que vai dar conta de combater a "religião ateuista do politicamente correto" na sociedade liberal: o Messias³ em Davos!

[Excerto 59]

E nós talvez estejamos começando a viver um novo momento, um momento central desse conflito entre *Aufgang* e *Niedergang*, onde nós tentamos reintroduzir a Deus nessa cidadela da sociedade liberal, em substituição a esta religião ateuista do politicamente correto. Eu acho que um momento simbólico desse movimento – movimento no qual o Brasil tem um papel fundamental –

³ Durante a campanha eleitoral, ao se autodenominar como um messias, Bolsonaro explorou simbolicamente a ideia de ser o salvador do Brasil, alguém que traria a redenção e a transformação necessárias. Essa associação com o messianismo permitiu que sua figura fosse vista como transcendente, acima das limitações humanas comuns, e dotada de uma missão divina de resgate nacional. Essa construção discursiva e simbólica do "mito" e do "messias" não apenas conferiu uma aura sagrada à figura de Bolsonaro, mas também alimentou a esperança e a devoção de seus seguidores. A ideia de um líder messiânico que poderia conduzir o país a um futuro melhor foi instrumentalizada como uma estratégia persuasiva na campanha eleitoral, mobilizando emoções e criando um forte senso de identificação e pertencimento em torno de seu nome. Essa exploração da figura do "mito" e do "messias" não é exclusiva de Bolsonaro ou do contexto político brasileiro. Ao longo da história, líderes políticos e religiosos em diferentes culturas e sociedades têm utilizado esses arquétipos para estabelecer uma autoridade carismática e conquistar seguidores. Essa estratégia de construção simbólica e discursiva está profundamente enraizada na dimensão simbólica e religiosa da experiência humana.



foi no último Fórum Mundial de Davos, onde, no discurso de abertura, o Presidente Bolsonaro, no final, falou de Deus. Eu não sei, não fui pesquisar, mas acredito que provavelmente foi a primeira vez que um chefe de Estado fala, usa a palavra Deus, acreditando nEle, sobretudo no Fórum de Davos. Eu imagino as pessoas ali tendo que olhar no dicionário: “o que significa esse nome?” Num momento realmente de certo desconcerto. E eu acho que é isso, que o momento que estamos vivendo é esse, é **Deus em Davos**. (...) **Então é isso: Deus em Davos!** (ARAÚJO, 2019b, s.p. – destaques nossos).

A fala de Ernesto Araújo, no excerto 59, sugere a reintrodução de Deus como uma resposta ao que ele chama de "religião atea do politicamente correto" na sociedade liberal. O ministro argumenta que estamos vivendo um novo momento, um conflito entre dois movimentos representados pelo *Aufgang* (ascensão) e *Niedergang* (declínio). A tentativa é trazer Deus de volta à cidadela da sociedade liberal.

No entanto, é importante fazer uma análise crítica dessa perspectiva. A ideia de reintroduzir Deus na sociedade liberal como uma alternativa ao que é chamado de "religião atea do politicamente correto" é baseada em uma visão específica e subjetiva das dinâmicas sociais. Essa visão sugere uma polarização entre uma suposta religiosidade tradicional e uma ideologia politicamente correta, criando uma dicotomia simplificada que não reflete a complexidade da sociedade e das crenças individuais. Por outro lado, dá a entender que o “politicamente correto” seria próprio do ateísmo.

Além disso, a afirmação de que a menção de Deus pelo presidente Bolsonaro no Fórum Mundial de Davos foi inédita ou surpreendente é discutível. A presença de referências religiosas em discursos políticos não é incomum e varia de acordo com o contexto cultural e as crenças dos líderes políticos. O uso da palavra "Deus" em um discurso não necessariamente representa uma mudança radical ou um evento simbólico de grande relevância.

Também é importante ressaltar que o discurso de Ernesto Araújo parece sugerir que a introdução de Deus na sociedade liberal é a solução para os desafios contemporâneos. No entanto, as sociedades liberais são diversificadas em termos de crenças e valores, e a imposição de uma visão religiosa específica como resposta a esses desafios pode ser problemática e excludente para aqueles que têm diferentes visões de mundo. A fala de Ernesto Araújo reflete uma perspectiva que busca reintroduzir Deus como uma resposta ao que é considerado uma religião atea do politicamente correto. No entanto, é importante considerar a complexidade da



sociedade e evitar visões simplistas que polarizam crenças e ideologias. A pluralidade de crenças e valores deve ser respeitada e promovida em uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise realizada neste artigo, é possível concluir que o discurso sobre o globalismo e a religião na política externa brasileira reflete as tensões e os desafios contemporâneos da ordem global e das relações internacionais. O termo "globalismo" é utilizado de maneiras diferentes por diferentes autores, mas todos concordam que a ordem global é um fator importante nos arranjos políticos e socioeconômicos entre indivíduos, países e regiões do mundo.

No entanto, há divergências quanto à ideia de uma agenda global baseada em valores como direitos humanos, tolerância e proteção ambiental, que alguns veem como uma forma de imposição de ideologias abstratas. Por sua vez, a religião é utilizada como um elemento de identidade e de legitimação da política externa brasileira, especialmente em relação a países com os quais o Brasil tem laços históricos e culturais.

As falas do Ministro Araújo apontam para uma predileção por uma hipotética teocracia cristã no Brasil. No entanto, essa abordagem pode gerar tensões e conflitos com outros países e organizações internacionais que não compartilham dos mesmos valores e crenças religiosas. Diante dessas questões, é fundamental reconhecer a complexidade e a pluralidade de perspectivas nas áreas temáticas do globalismo e da religião, em vez de descartá-las como meras ideologias abstratas ou como elementos secundários da política externa. É preciso buscar um equilíbrio entre a defesa dos interesses nacionais e a promoção de valores universais, bem como entre a afirmação da identidade cultural e a abertura ao diálogo e à cooperação internacional.

Por fim, é importante destacar que a análise aqui apresentada não esgota o tema, mas abre caminhos para novas reflexões e pesquisas sobre as relações entre religião, globalismo e política externa. Espera-se que este estudo contribua para o aprofundamento do debate sobre os desafios e as perspectivas da ordem global contemporânea, bem como para a construção de uma política externa brasileira mais consciente, responsável e comprometida com a promoção da paz, da justiça e da solidariedade entre os povos.

REFERÊNCIAS



ARAÚJO, Ernesto. **Transcrição do discurso do Embaixador Ernesto Araújo na cerimônia de posse como Ministro das Relações Exteriores**, em Brasília, 2 de janeiro de 2019a. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/15q_TwFebmE1sNk1vhGSgeVeQFrILE_Ij/view?usp=sharing. Acesso em: 20 mai. 2020.

ARAÚJO, Ernesto. **Palestra do Ministro das Relações Exteriores**, Embaixador Ernesto Araújo, no seminário da FUNAG sobre globalismo, em Brasília, 10 de junho de 2019b. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/133mH_JikedlK7RAFpomKrCIqu9yzpx98/view?usp=sharing. Acesso em: 20 mai. 2020.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006a. p. 09-32.

BRAIT, B. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. **Gragoatá**, Niterói-RJ, n. 20, p. 47–62, jan./jun. 2006b. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33238>. Acesso em: 30 mar. 2022.

CAMAROTTO, M. (2022). **Politização no Itamaraty isola o país no exterior**: Relações Exteriores e Meio-Ambiente são foco do quarto balanço do Valor sobre atual governo. Valor. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/12/23/politizacao-no-itamaraty-isola-o-pais-no-exterior.ghtml>. Acesso em: 21 mai. 2023.

DESTRI, A.; MARCHEZAN, R. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. **Revista da ABRALIN**, [S.l.], v. 20, n. 2, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1853>. Acesso em: 12 fev. 2023.

ESTEVEES, T.C. **Amazônia do antropoceno**: uma proposta socioambiental para a classificação dos tecnógenos - reflexões sobre o risco e a injustiça ambiental. (Tese de Doutorado em Geografia Humana). São Paulo: USP, 2020. Disponível em:



https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-21092020-203349/publico/2020_ThullaChristinaEsteves_VCorr.pdf

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2022.

SOUZA, F. M. **Um estudo dialógico de enunciados concretos do discurso da política externa brasileira (2019)**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2023. 199 f.

SOUZA, F. M.; MELO, F., NOGUEIRA, S.G. **Discurso da política externa brasileira em tempos de Bolsonaro e Araújo**. São Paulo: Mentis Abertas, 2023.

SZWAKO, J.; MILANI, C. R. S. Globalismo. *In*: SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.) **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022. p. 153-155.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.

